



## Between comings and goings, the house

## Entre idas e vindas, a casa

OLIVEIRA, José Antonio Santos de <sup>(1)</sup>

<sup>(1)</sup>  <https://orcid.org/0000-0003-1753-0369>; Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco (Pe), Brasil. Bolsista de mestrado do CNPq. Email: [jaletras1997@gmail.com](mailto:jaletras1997@gmail.com)

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

### ABSTRACT

The present work, based on the Theory of the Imaginary, tries to find the imagery itinerary of José Luís Peixoto in the Return home, starting from the discussions about the myth of return - resonated since the *Odyssey* - and the Poetics of space, by Bachelard (2008), since these two images (return/home) are intertwined throughout the poetic narrative, which Added to these two founding elements of the text, it is observed how time in the closed space of the house unlocked, in the subject, feelings of fear and uncertainty in the face of the present. In this sense, it was found that the image of the house, in the aforementioned book, still recovers the symbolic of a protective space, updated in the experience of social isolation. The same update movement happens in the recovery of the Homeric myth, from which one can think of how the subjects found the need to return to the family environment because of the pandemic, at the same time that the For the realization of this article, we resort to the theoretical-methodological postulates of Bachelard (2008), Durand (1993), Mello (2002) and other authors.

### RESUMO

O presente trabalho, embasado na Teoria do Imaginário, intenta encontrar o itinerário imagético de José Luís Peixoto em o *Regresso a casa*, partindo das discussões sobre o mito do retorno – ressoado desde a *Odisseia* – e da *Poética do espaço*, de Bachelard (2008), uma vez que estas duas imagens (retorno/casa) se encontram imbricadas ao longo da narrativa poética, que parte da volta (e permanência) nas casas agora devido à quarentena, fomentada pela pandemia da Covid-19. Somados a esses dois elementos fundantes do texto, observa-se como o tempo no espaço fechado da casa destrava, no sujeito, sentimentos de medo e incerteza diante do presente. Nesse sentido, verificou-se que a imagem da casa, no livro referido, ainda recupera a simbólica de um espaço protetivo, atualizado na vivência do isolamento social. O mesmo movimento de atualização acontece na recuperação do mito homérico, a partir do qual se pode pensar em como os sujeitos encontraram a necessidade de retornar ao meio familiar por causa da pandemia, ao mesmo tempo em que as imagens de retorno dialogam com a volta à escrita poética e com as viagens do escritor português para outros países, principalmente os asiáticos. Para a realização deste artigo, recorremos aos postulados teórico-metodológicos de Bachelard (2008), Durand (1993), Mello (2002) e outros autores.

### INFORMAÇÕES DO ARTIGO

#### Histórico do Artigo:

Submetido: 16/12/2022

Aprovado: 25/01/2023

Publicação: 10/04/2023



#### Keywords:

Space;  
Protection;  
Return.

#### Palavras-Chave:

Espaço;  
Proteção;  
Retorno.

## Introdução

“Os livros são casas onde podemos entrar ou que podemos imaginar a partir de fora”. (José Luís Peixoto).

José Luís Peixoto é um escritor português que tem angariado espaço nas discussões acadêmicas do Brasil. Seu primeiro livro – *Morreste-me* (2000) – encontra gênese na morte do pai do autor e, por conseguinte, é tingido pelas tintas de sua biografia. Ademais, o lusitano publicou romances, peças e poemas que, geralmente, colocam em palco as regiões fronteiriças entre a vida e a escrita, a exemplo de *Galveias* (2014) – inspirado em suas memórias na terra natal – e *Autobiografia* (2019) – onde re-conta a vida de José Saramago. Na sua primeira obra, a casa, local do aconchego familiar e lembranças mais intrínsecas, já emerge como espaço de proteção, o qual é destravado a partir da vivência do luto. A imagem da casa também se mostra pertinente para compreender o itinerário do romance *Em teu ventre*<sup>1</sup> (2015), que se constrói por meio das experiências de Lúcia com sua mãe, em casa.

Nessa perspectiva, após quase duas décadas do seu primeiro livro de poesia (*A criança em Ruínas*), José Luís Peixoto publica seu novo volume, intitulado *Regresso a Casa* (2020). Este último é oriundo da pandemia da Covid-19, a qual condicionou as pessoas à reclusão de suas casas, para que se protegessem das ações nefastas do vírus. A quarentena, nesse sentido, impulsionou um olhar diferenciado para o símbolo da casa e, ao mesmo tempo, para as antigas possibilidades de sair desse espaço.

O presente trabalho, dessa forma, objetiva analisar, sob a prima da Teoria do Imaginário, a construção de imagens nos poemas de *Regresso a Casa*, com ênfase no espaço casa e como este elemento aponta tanto para as imagens de proteção e alívio, quanto para as de medo, solidão e angústia. Essa pesquisa, portanto, usará, dentre vários estudos, os livros *A poética do espaço*, de Bachelard e *A imaginação Simbólica*, de Durand.

Os estudos comparados perpassaram por diversas transformações, sobretudo a partir do século XX, à medida em que se rechaçavam as ideias obsoletas de comparação pensadas na França do século XIX. Essas metamorfoses desembocaram em um atrelamento da Literatura Comparada com os Estudos Culturais e com a Teoria do Imaginário, a partir das quais se olhava para os contextos socioculturais de produção e, por outro lado, para os modos de surgimento/renovação de imagens. Nessa perspectiva, tornou-se pertinente pensar não somente a recorrência de temas – e imagens – diacronicamente, mas como estes se renovavam a partir do contato com autores (no caso da literatura) ao longo da história.

---

<sup>1</sup> Esse romance faz uma recuperação das “supostas” aparições de Nossa Senhora em Fátima. No entanto, o foco do livro não é o caráter metafísico do ocorrido, mas os momentos de intimidade na casa da vidente Lúcia.

A tentativa de estudar, metodologicamente, os mitos, como eles se desdobram em narrativas literárias, passou a ser o objetivo dessa vertente da Literatura Comparada, conhecida como Teoria do Imaginário. Em contrapartida, discutir como os motivos, temas e imagens ressoam nas artes pareceu, durante algum tempo, como algo destituído de cientificidade, justamente por trabalhar com elementos de vários campos de atuação, inclusive daqueles em que os ideais positivistas deixavam de lado. De acordo com Barros,

a teoria do imaginário vai além da interdisciplinaridade; ela é transdisciplinar, pois mobiliza não apenas aquilo que os campos científicos dizem que é conhecimento, mas também o conhecimento que viceja fora da ciência, o conhecimento transcendente (e imanente) do homem comum, um conhecimento que existe antes e independente da experiência factual individual (BARROS, 2018, p. 28-29).

Esse caráter transdisciplinar da teoria enfatizada norteia as práticas da Literatura Comparada; inclusive porque os estudos comparativos, assim como diz Coutinho (2011), trazem, intrinsecamente, a transversalidade entre as linguagens. Além disso, pode-se pensar em como o Teoria do Imaginário reflete sobre a recorrência de um tema em uma determinada cultura e/ou a predominância de imagens entre obras de um mesmo autor, ao observar a construção do seu mito pessoal.

### **Por falar em Imaginário**

A racionalidade não consegue dar conta de toda complexidade do plano simbólico, daí a pertinência de valorizar outras perspectivas que pensam formas de conhecimento fora do padrão cientificista, ou melhor, refletir a partir dos conhecimentos que partem dos mitos. Nesse sentido, ao compreender o imaginário como um fenômeno possível de análise, tem-se a abertura para concatenar campos distintos de conhecimento, ao mesmo tempo em que os saberes culturais – que formam as mitologias dos povos – são pensados em sua imanência, no sentido em que recuperam os inconscientes coletivos de diversas culturas espalhadas pelo mundo. Com efeito, por meio do imaginário, pode-se perseguir os caminhos imagéticos dos mais variados autores e períodos, de modo a perceber como as imagens são articuladas ora recuperando o passado, ora reescrevendo o presente.

Monique Augras, em *Mil janelas teóricas do imaginário*, perpassa pelas diversas concepções em torno do conceito de imaginário, a partir das quais se percebe como o termo possui conotação diferente a depender da perspectiva a ser abordada. Ao mencionar Sartre, verifica como o filósofo depreciava o plano imaginativo, na medida em que aproximava o

conceito de imaginário às práticas mágicas e/ou aos delírios psicóticos, colocando-o em uma posição de inferioridade, por estar destituído de “valor”, ao mesmo tempo em que também não explica sua compreensão da realidade. Na mesma direção do francês, Lacan abordou o imaginário com certo desdém, pois, em sua teoria do Real-Simbólico-Imaginário, situou o último como uma etapa a ser superada.

É a partir de Bachelard (2008) que os estudos em torno do imaginário passam a granjear densidade, já que este o pensa em uma posição de autonomia diante da realidade; para o autor, a imaginação contém seu próprio campo de conhecimento e mais: ela tem o poder de criar o sujeito, uma vez que o ser é permeado por fantasias – capacidade de imaginar. Durand, além de aprimorar algumas ideias de Bachelard (2008), supera a dicotomia entre razão e imaginário, pensando os dois elementos como imprescindíveis para a construção do universo simbólico do sujeito. Nessa perspectiva, Mello (2002) explica que Durand se embasa em Bachelard para a construção do seu pensamento; inclusive porque, além de conceder atenção especial às potencialidades da linguagem poética, este último foi o primeiro a valorizar e reconhecer as contribuições da imaginação para os seres.

Por seu turno, Augras (2000) aponta que a limitação de Durand encontra-se na sua própria metodologia, que se revela na necessidade de conhecer uma miríade de símbolos e mitos para a proficuidade da análise do imaginário de um autor e/ou obra. Nesse ponto específico, a limitação da teoria de Durand assemelha-se à vista nos primórdios da Literatura Comparada, uma vez que, para ser um comparativista de qualidade, era preciso ter uma vasta erudição – ser conhecedor de várias línguas.

O imaginário, portanto, parte de um conjunto de imagens primordiais do inconsciente coletivo, bem como daquelas que emergem na mente dos diversos sujeitos para engendrar todo um universo simbólico, encontrando-se, destarte, em constante estado de renovação. As imagens são sistematizadas por meio de esquemas; a junção dessas imagens constitui os arquétipos, os quais se mostram como conjuntos de imagens que pairam em torno das diversas formas de realização em sociedade: “o arquétipo é, pois, uma estrutura dinâmica, uma estrutura organizadora de imagens, mas que transvaza sempre as concreções individuais, biográficas, regionais, sociais da formação das imagens”. (DURAND, 1993, p. 56). Ou seja, seu caráter transbordante não permite que se circunscreva a um ponto específico.

Nessa perspectiva, é Durand quem discute a ascensão do pensamento humano em sua dimensão figurativa, na medida em que a linguagem simbólica consegue desnudar as camadas subjetivas que perpassam o ser humano: “todo discurso simbólico afigura-se como expressão, tradução ou interpretação criativa da infra-estrutura, de uma protolinguagem ou de uma vivência profunda”. (MELLO, 2002, p. 12). O símbolo é caracterizado, ainda, pela sua capacidade de se manter sempre aberto, de modo a não se restringir aos sentidos para os quais aponta; sua primeira camada, o seu significante, configura-se como apenas a ponta do *iceberg*, haja vista que, assim como define Durand (1993), a essência do seu significado é inacessível.

## A casa em tempos de regresso

*Regresso a casa* narra, poeticamente, as idas e vindas do sujeito lírico para suas respectivas casas. À primeira vista, a imagem da casa está associada ao espaço físico, no qual o sujeito encontra-se protegido diante das intempéries da existência, sobretudo quando se pensa nas medidas necessárias para combater a disseminação do Coronavírus. Entretanto, o livro salientado salta a essa primeira concepção, ao trazer, a partir de uma hibridização com os traços autobiográficos do autor, os espaços inerentes ao passado do eu lírico, bem como as viagens do escritor com sua família nos países asiáticos e, por outro lado, a literatura enquanto casa, por meio da qual o indivíduo consegue resistir aos medos e incertezas do presente. Nesse caso, ainda que os poemas construam a imagem da casa enquanto espaço de proteção, de convívio com a família, há também, subjacente, a catalização imagética de sentimentos que perpassam a melancolia, a solidão e o medo. Todos esses elementos são ratificados na medida em que se percebe uma recorrência de uma preocupação em torno do tempo, a qual faz com que o sujeito ora deseje o futuro, ora revise, por meio de reminiscências, o passado.

O retorno de Ulisses à sua casa após a guerra de Troia se atualiza diante dos regressos as casas em tempos pandêmicos. Se o herói grego precisa voltar às suas origens, para viver em plenitude com os seus, na contemporaneidade, pessoas das mais variadas etnias encontraram-se na necessidade de fazerem os caminhos de retorno ao espaço habitual e familiar. Nesse contexto, o mito de Odisseu se atualiza no livro não somente no título, mas na maioria dos poemas, já que se percebe o movimento de viagem a casa; a diferença, contudo, se percebe, na multiplicidade de imagens construídas a partir das mais variadas casas que aparecem nos poemas. Em relação ao mito grego, o paralelo entre o personagem heróico e o sujeito contemporâneo pode ser visto no fragmento abaixo.

Eis Ulisses em seu longo caminho, avança pelas vagas,  
 como avança pelos versos, como avança pela espera  
 de quem olha o horizonte em Ítaca. Eis Ulisses  
 com seu humano propósito[...]

A embarcação de Ulisses pode ser uma bicicleta  
 ou um táxi, não importa, pode ser um passeio a pé,  
 de mãos nos bolsos[...]

E, claro, Ulisses és tu. Já tinhas percebido, não?  
 Ulisses és tu, a guerra de Troia és tu, és toda a viagem,  
 és Ítaca também.

Haverás de chegar. Na hora certa, terás de chegar.

Já te esperam.  
(PEIXOTO, 2020, p. 9)

O caminho de Ulisses, mesmo permeado por inúmeras dificuldades, se confunde com os percorridos na atualidade; no entanto, agora se faz por meios peculiares ao presente. O retorno a casa acontece não pelos mares agitados de Poseidon, mas no ato comum de regresso ao espaço familiar. A dimensão grandiosa da epopeia transmuta-se nas pequenas epopeias diárias, a partir das quais há sempre a necessidade de retorno. Afinal, em casa, pressupõem-se a espera por aquele que foi e precisa retornar. A recuperação do mito homérico, no livro de Peixoto, portanto, aponta para uma dimensão específica do imaginário, a qual se liga ao regime noturno:

no universo simbólico do homem, pode-se reconhecer a alternância de dois regimes do imaginário - o diurno e o noturno - conforme expressem, de um lado, a aspiração à altura, à verticalidade, à heróica luta contra as trevas, através de famílias simbólicas que atualizam os arquétipos elementares do cetro e da espada - a espada da luta e o cetro do poder (estruturas esquizomorfadas ou heróicas) - ou, de outro, a aspiração do regresso ao seio materno, ao útero protetor, revelada através de símbolos de intimidade, envolventes, como o berço, a barca, a casa, a gruta, o túmulo (estruturas místicas ou antifrásicas). (MELLO, 2002, p. 15).

O imaginário do livro é composto, dessa forma, pela ideia do noturno, por referver os arquétipos constituintes às imagens de retorno, principalmente à casa. Tanto é, que o livro agrega o símbolo da casa às personagens pertencentes a esse espaço, a exemplo da mãe e do pai, mesmo quando essas relações são articuladas entre o presente – necessidade de proteção da mãe na casa – e passado, nas memórias com aquele que partiu. No texto abaixo, a narrativa poética gira em torno do medo de perder a mãe para o vírus, o qual encontra alívio na permanência da genitora em casa.

Rego os vasos da varanda e, de repente,  
Sinto falta do olhar de minha mãe, menina  
Das fotografias a preto e branco.

Sou um filho de 45 anos.

Procuo consolo no telefone a chamar,  
Na repetição deste sinal interrompido.

Procuo consolo nesta espera, tempo  
Em que imagino os teus passos agora lentos,  
A tua preocupação.

Mãe,  
 Não tenhas pressa de atender o telefone  
 E de acabar com este tempo.

Mãe,  
 Este tempo existe  
 como tempo que não existe.

Mãe,  
 não saias de casa  
 Nunca saias de casa.

És a última velha da minha vida.  
 (PEIXOTO, 2020, p. 22)

O elo entre mãe e filho se constrói por meio de um telefonema. Na primeira estrofe, a lembrança da mãe-menina se opõe a da senhora idosa no presente, o que leva o sujeito a temer uma possível desobediência da quarentena e, por conseguinte, uma fatídica morte para sua mãe. O sujeito que procura consolo no tempo encontra neste também o motivo de sua angústia, visto que este carrega a semântica obscura – e, incerta, do presente. O vocativo, intensificado pelas anáforas, revela o apelo de alguém preocupado com as consequências do momento atual. Nesse sentido, as imagens de tempo, como algo inquietante, acoplam-se as de medo, as quais só se atenuam diante da presença protetiva do espaço *casa*. Dessa maneira, a casa, onde a mãe está guardada/protegida, configura-se como uma forma de organizar não somente os pensamentos e sentimentos do eu lírico diante das contingências do mundo, mas também das disparidades de um tempo oposto ao de suas memórias. Nessa perspectiva, segundo Bachelard:

a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que freqüentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro. A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. (BACHELARD, 2008, p.201).

O texto que abre a parte intitulada *Quarentena* ratifica a ideia da casa enquanto ponto de convergência entre pensamentos, por trazer referências de uma situação recorrente no presente – a interatividade por meio da internet – que se desdobra na solidão provocada pelo tempo de confinamento na casa; dessa forma, a casa (proteção) também é símbolo de um afastamento físico entre as pessoas, o qual seria mais agravado, caso não houvesse a possibilidade de contato por meio das redes sociais. O tempo que passa – mas parece não

passar devido ao confinamento – provoca uma certa disparidade entre o mundo exterior, nas mudanças ocorridas durante o dia, e a impressão de repetir do presente, o que gera no eu lírico um tipo inquietação. O movimento circular das horas marcado pelas expressões adverbiais aponta, justamente, para a imagem de um tempo no qual não se vive em toda sua plenitude; o resultado, por outro lado, é a transformação do ocorrido em texto literário:

Olhamo-nos nos olhos pela internet.

Eu transmito-te este domingo à tarde,  
a voz do vizinho através da parede.

Tu transmites-me a distância que existe  
depois do que consigo ver pela janela.

Durante a noite mudou a hora e, no entanto,  
continuamos no tempo de ontem.

Como é raro este domingo, não podemos  
garantir que amanhã seja segunda-feira.

O futuro perdeu-se no calendário, existe  
depois do que conseguimos ver pela janela.

O futuro diz alguma coisa através da parede,  
mas não entendemos as palavras.

Lavamos as mãos para evitar certas palavras.

E, mesmo assim, neste tempo raro, repara:  
tu e eu estamos juntos neste verso

(PEIXOTO, 2020, p. 15)

A presença da imagem temporal aparece, conforme mencionado, na maioria dos poemas de *O regresso a casa*, a qual ganha densidade à medida que o sujeito lírico abandona suas certezas diante do presente e recorre ao futuro com o intuito de sair do tempo no qual está inserido – o eu lírico está protegido na casa, mas preso em um tempo nefasto para viver. Nesse caso, justifica-se a projeção do futuro, porque se espera por um período em que as situações fatídicas do presente sejam apenas lembranças.

No entanto, chegará um tempo, rodeado por outras  
Certezas, e recordarei este inverno que não queria  
Acabar, a idade que meu filho tinha nesta altura,  
A idade que eu próprio tinha, e esta experiência que  
Agora é novidade a cada segunda irá transforma-me  
(PEIXOTO, 2020, p. 18)

Ademais, essa seção mostra, explicitamente, a casa enquanto sintoma de proteção. Ao mesmo tempo em que apresenta, de modo metafórico, a semelhança entre as estruturas da casa e do poema, como lugares para os quais o sujeito pode recorrer em busca de refúgio, como se o espaço da casa e do papel – onde o autor insere seus dilemas existenciais – conseguissem resguardar o sujeito lírico das agruras de um tempo banhado por aspectos distópicos – pandêmicos. Em outras palavras, na medida em que ambos (casa/poema) revelam seus espaços, e o ser, de certa forma, adentra-os, tem-se a ideia de resistência ao que se encontra fora das paredes/versos – aquilo que pode ferir o indivíduo. Enfim, a metalinguística do texto sugere que a poesia “protege” o sujeito daquilo que as paredes físicas estão impossibilitadas, fazendo com que o eu lírico exponha, por exemplo, seus medos.

O poema é como uma casa, tem paredes  
e janelas, é habitado pelo presente.

Olhamo-nos nos olhos pela internet,  
estamos verdadeiramente aqui.

O poema é como uma casa,  
e a casa protege-nos.  
(PEIXOTO, 2020, p. 16)

Enquanto a casa concede a proteção necessária para as pessoas; é por meio da internet que o indivíduo consegue sair sem sentir sua vida ameaçada. O poema, guardador do presente, une espaço e tempo em uma dimensão assertiva: literatura moldada pelo período de quem a escreve. Ademais, mesmo em tempos difíceis – marcados, principalmente pelo distanciamento entre os indivíduos –, há a possibilidade de encontro por meio das redes sociais, como pode ser percebido no excerto abaixo:

Saber que existes é a grande descoberta da minha  
quarentena. Percebo agora como tudo foi necessário.  
Mesmo este tempo, sobretudo este tempo.  
Encontramo-nos, sinto a tua mão a aproximar-se  
devagar da minha.  
(PEIXOTO, 2020, p. 35)

A pandemia, nessa perspectiva, também auxiliou na aproximação das pessoas – mesmo de forma remota, na medida em que impulsionou o encontro virtual entre interactantes de casas separadas. Nesse caso, o respeito à quarentena não restringiu o contato entre aqueles dispostos a se conhecer. O interessante do último verso dá-se na discrepância do sentir do toque da mão entre o eu lírico e o outro por meio da internet, já que isso seria inviável em espaços fora do ambiente familiar. Ainda nesse fragmento, vê-se, novamente, a imagem do tempo, de como ele – representado pelo presente – é causa de angústia na voz do poema.

Em outros poemas, a presença ativa do presente se reverbera no retorno ao passado por meio de reminiscências, a exemplo dos textos em que, poeticamente, o eu lírico se dirige a Galveias – terra natal do autor – e às situações pertinentes ao imaginário pueril de outrora. Por isso, o sujeito viaja pelas memórias de um tempo desprovido de calamidade pública. Dessa forma, em casa, o eu lírico regressa ao espaço permeado pelo passado, onde se vivia sem as preocupações da atualidade.

Num dia, todos os instantes. A memória  
Como um vídeo entre agora e outro tempo

Chegamos desde as fotografias da infância,  
Desde as poucas palavras, desde a nascente.

Num dia, a vida inteira, a idade remota  
Que nos chama através de cada madrugada.

Hoje fizemos perguntas, mas já sabemos  
As respostas: sim, queremos o futuro.  
(PEIXOTO, 2020, p. 38)

Assim sendo, vê-se novamente o movimento de afastamento do tempo presente, quando o sujeito viaja para o passado, por meio das memórias, ou intenta uma busca por um futuro, que seja diferente do agora fatídico: “Quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradias, viajamos até o país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção”. (BACHELARD, 2008, p. 201). Nesse sentido, mesmo não fazendo alusão direta aos pais, o eu lírico se reconforta – e se sente protegido ao voltar ao passado – porque a casa de sua infância traz consigo a felicidade agora perdida um tempo funesto. Em outras palavras, verifica-se como o sujeito, ao utiliza-se da memória, retoma a infância para se afastar dos conflitos do tempo atual.

O poema no *25º andar do hotel Yanggakdo* aborda uma casa (hotel) diferente das retratadas nos poemas produzidos durante o contexto pandêmico; este encontra sua gênese nas viagens de Peixoto pela Coreia do Norte, onde o eu lírico, deitado sobre a cama, passa a relembrar de um momento que o marcou durante a infância – a provável perda do cachorro.

O meu corpo deitado sobre a colcha áspera, e eu  
Recordando aquele cão que o meu pai perdeu no mato  
Enquanto fingia caçar pombos. Foi há tanto tempo.  
O meu corpo e eu não tínhamos mais de doze anos.  
Recordo o olhar desse cão, a amizade com que me recebia  
Quando chegava da escola. Recordo o seu nome,

Não o menciono porque ficaria mal no poema.  
(PEIXOTO, 2020, p. 63)

O retorno do pai à casa, sem o cachorro, destrava uma espécie de silêncio no menino. Este, lutuoso com a ausência do animal, encontra no olhar materno a compreensão de sua tristeza. É interessante pensar como o tempo também é marcado no texto, já que, semelhante ao domingo em casa com o pai no passado, o eu lírico também se encontra no mesmo dia da semana.

Era o domingo como hoje. O meu pai chegou  
De mãos vazias, nenhuma caça à cintura, e contou-nos  
que tinha perdido o cão. Procurou, chamou, assobiou  
E só recebeu resposta do silêncio.

O silêncio. Na cozinha da nossa casa, a minha mãe eu  
partilhávamos um luto sem palavras.  
(PEIXOTO, 2020, p.63)

O cachorro, como Ulisses, consegue, depois de alguns dias, fazer o retorno à casa. Ele recupera a semântica de Odisseu na medida em que, por mais que demorasse regressar a casa, não desistiu de batalhar para se encontrar com os seus. A mãe e o eu lírico – quando criança – também retomam o mito grego, quando esperam, assim como Penélope, por aquele que, aparentemente, não conseguirá fazer o caminho de volta.

Passados três dias, sujo, magro, gasto, o cão regressou.  
Como se nunca tivesse duvidado do seu instinto,  
Entrou pela porta do quintal, habituado às folhas caídas.  
A partir daí, fomos capazes de amá-lo muito mais.

Essa é a grande diferença. Se me deixarem aqui,  
perdido no meu corpo, nunca serei capaz de encontrar  
o caminho para casa.  
(PEIXOTO, 2020, p. 64)

Por fim, o paralelo entre passado-futuro revela a discrepância entre a figura do cachorro – que insistiu em regressar a casa – e a do eu lírico no hotel norte-coreano, o que se justifica em virtude da distância continental entre Portugal e a Coreia do Norte. O sujeito do poema, portanto, diferente do Cachorro e de Odisseu, além de desconhecer, fisicamente, o caminho de volta, encontra-se submerso em seus pensamentos. Em contrapartida, a partir de suas memórias, ele consegue realizar sua odisseia em direção aos eventos marcantes de um passado distante. Sobre isso, Bachelard diz que

as casas sucessivas em que habitamos mais tarde tomaram banais os nossos gestos. Mas ficamos surpreendidos quando voltamos à velha casa, depois de décadas de odisséia, com que os gestos mais hábeis, os gestos primeiros fiquem vivos, perfeitos para sempre. Em suma, a casa natal inscreveu em nós a hierarquia das diversas funções de habitar. Somos o diagrama das funções de habitar aquela. (BACHELARD, 2008, p. 207).

A casa (hotel), onde o eu lírico está hospedado, nesse sentido, é um meio pelo qual ele acessa a casa da sua infância, o que mostra como os rastros da casa natal continuam ressoando em sua vida. Na última parte do livro chamada de *Bibliografia*, o autor amarra, mais explicitamente e, em diálogo com outras obras do passado, os laços afetivos em casa, com os seus familiares. Por essa razão, a imagem do pai, das viagens com o genitor, retorna para construir o encontro do eu lírico com suas reminiscências. O título do próximo poema, por exemplo, é *Morreste-me*, igual ao do primeiro livro de Peixoto; seus versos recuperam as imagens do regresso a casa após a morte do pai, assim como no romance.

Como nos papeis onde calculavas a vida,  
Arrumados na tua gaveta ou esquecidos  
Sobre a mesa da cozinha,  
Esta conta:

As horas que passamos nas viagens  
De regresso a casa são agora  
Menos do que as horas lidas no livro  
Onde descrevi essas viagens  
De regresso a casa  
(PEIXOTO, 2020, p. 101)

No livro referido, após o sepultamento do pai, o narrador percorre os afazeres do ente querido pela casa, recordando dos momentos com aquele que agora partira. De modo semelhante, o poema traduz o sentimento de vazio, provocado pela ausência do amado, quando o eu lírico revive os lugares da casa onde moraram. Assim, o tempo das viagens – geralmente longo – ficou eternizado na escrita dos regressos a casa.

O último poema do livro, que dá título à obra, sintetiza o itinerário imagético percebido nos poemas: a presença do mito homérico na figura do retorno de Ulisses; a atualização do mito mencionado para representar o regresso do eu lírico das cidades de Lisboa e Galveias, bem como dos países asiáticos; o medo daquilo exterior à casa, haja vista que essa carrega consigo o símbolo da proteção e, por fim, o desejo de desbravar novos horizontes por meio da imaginação, tendo em vista a impossibilidade de sair diante da pandemia da Covid-19.

Não era o Mediterrâneo de Ulisses, ou talvez fosse,  
 Não era a estrada entre Lisboa e Galveias, ou talvez fosse,  
 Era uma ideia que custa agora explicar: a sensação  
 De que já não tinha lugar na minha casa. Era o medo.  
 Percebo agora que um nómada de quarentena  
 Nunca para de viajar, principalmente se leva a Ásia  
 Por baixo da pele, se continua a imaginar mistérios.  
 Porque demorei tanto a fazer este caminho?  
 Perguntas como esta são para se responder  
 A pouco e pouco. Afinal, havia muitas estradas  
 Para chegar aqui, havia dias seguidos num diário,  
 Páginas para traduzir palavra a palavra. Afinal,  
 Havia amigos. Havia toda esta família que me olha  
 e que olho. Aqui estou de novo. Pronto para  
 o almoço de domingo.  
 (PEIXOTO, 2020, p.106)

O caminho percorrido neste poema, portanto, refere-se ao próprio retorno de Peixoto à escrita de poesia depois de um longo período. Assim sendo, essa metalinguagem das viagens encontra um ponto de convergência na casa; entendida, aqui, tanto em relação ao espaço onde o sujeito está a produzir sua obra, quanto na poesia em si, já que esta se constitui enquanto espaço por meio do qual o autor externa os sentimentos que permeiam a sua existência. A imagem da casa, enquanto espaço físico, lugar da família, perpassa também o presente onde o autor mora com sua esposa; sem olvidar da casa primordial, daquela em que se morava com os pais.

## Conclusões

O mito do retorno faz parte das constelações imagéticas da Literatura Portuguesa, como se observa nas obras de José Saramago e Camões, por exemplo. Em José Luís Peixoto, a imagem do regresso granjeia forma na proximidade da viagem com o quotidiano – ao voltar-se às casas pelas quais perpassou ao longo de sua vida, sobremodo, quando se pensa na casa da primeira infância, no cuidado dos pais, e na do presente, onde o autor reside com sua família no contexto da pandemia. Por essa razão, é difícil separar, em alguns momentos, o autor do seu eu lírico, levando em consideração que os poemas contêm, explicitamente, traços autobiográficos.

O presente trabalho, dessa forma, propôs uma leitura da construção de imagens de José Luís Peixoto em o *Regresso a casa* (2020), partindo, sobretudo, do símbolo da casa e como este está ligado ao mito do retorno, da *Odisseia*. Nesse sentido, verificou-se que, no livro, existem várias formas de casa, como também de regresso, visto que o espaço do aconchego familiar não se restringe ao do momento presente, mas é também aquele resguardado na memória, a exemplo da infância e das casas percebidas nas diversas viagens do autor por partes

do mundo. Portanto, ao pensar a estética do retorno à casa, observa-se a volta do português à escrita poética; sem olvidar dos regressos a casa após suas viagens, como também da viagem à sua primeira casa, onde morava com pais.

A imagem da proteção, oriunda da casa, emerge em vários poemas do livro; inclusive em um dos textos em que o eu lírico pede para mãe não sair desse espaço protetivo, para que não contraia o vírus, bem como em um dos versos no qual afirma como a casa protege os sujeitos dos males que estão fora desse ambiente. Nesse sentido, ainda que exista a sensação de alívio transmitida pelo espaço familiar, constrói-se, em contrapartida, o medo daquilo que está no exterior. Por fim, por meio da casa, o sujeito consegue organizar seus pensamentos e resistir às intempéries do presente, seja voltando ao passado, seja buscando o futuro.

### **Agência financiadora**

O autor agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio fornecido para realização deste e de outros trabalhos.

### **REFERÊNCIAS**

AUGRAS, M. *Mil janelas: teóricos do imaginário*. In: Psicologia clínica. Rio de Janeiro, v. 12. N.1, p. 107-131, 2000.

BACHELARD. *A poética do espaço*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf>. Acesso: 18/12/2021.

BARROS, A. T. P; CONTRERA, M. *Estudos do imaginário: A imaginação como método*. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/179287/001069022.pdf?sequence=1>. Acesso: 10/12/2021.

COUTINHO, E. *Literatura Comparada: Textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DURAND, G. *A imaginação Simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1993.

MELLO, A. M. L. *Poesia e imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PEIXOTO, J. L. *Regresso a casa*. Porto Alegre: Dubliense, 2020.